

REVISTA ANGELUS NOVUS - nº 1 - agosto de 2010

Documento

De Octavio para Sergio, meio século depois

Fábio Franzini

Professor da UNIFESP/Guarulhos. Doutor com a tese "A sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)" defendida na USP e com o mestrado "As raízes do país do futebol: estudos sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)" na mesma instituição.

Nota introdutória

Em tempos de *e-mail*, *orkut*, *twitter* e outras tantas formas de comunicação eletrônica, talvez seja muito difícil encontrar algum historiador que ainda se dedique a escrever cartas, à mão ou à máquina. Em contrapartida, pode-se afirmar que, cada vez mais, nos empenhamos em ler as cartas que outras pessoas, ilustres ou desconhecidas, um dia escreveram, a respeito dos mais variados assuntos. Cada vez mais, portanto, vemos na correspondência (bem como em outros registros da vida privada) um importante tipo de *documento*, o qual nos permite analisar os recortes que fazemos sobre o passado a partir de ângulos peculiares, tanto pessoais quanto interpessoais, nem sempre observáveis de outro modo.¹

Se é desnecessário notar o quanto tal perspectiva amplia e enriquece os horizontes historiográficos, importa, então, mostrar as razões da transcrição do documento aqui apresentado – que, obviamente, não poderia deixar de ser uma carta. Uma pequena carta, escrita à mão, em tinta azul sobre uma folha de papel timbrado, pinçada de uma época em que os historiadores não apenas se dedicavam à “arte epistolar” como a utilizavam como peça fundamental de suas redes de sociabilidade intelectual. E que historiadores: o remetente é Octavio Tarquínio de Sousa (1889-1959), o hoje pouco conhecido autor da monumental *História dos Fundadores do Império do Brasil*, em dez volumes,² e personagem de grande destaque no cenário cultural brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950;³ o destinatário, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), nome que, para usar de modo apropriado o lugar-comum, dispensa qualquer apresentação.

Como qualquer documento assumido como histórico, este comporta diferentes leituras, as quais se multiplicam quando contraposto a outras fontes. Assim, longe de pretender apresentar “a” interpretação desta carta, algo que, quando muito, valeria apenas pela curiosidade, sua transcrição visa a objetivos outros. O primeiro, geral, é ilustrar o mencionado ângulo privilegiado de análise do passado oferecido pela correspondência pessoal, para o que contribuirão, é o que se espera, as notas explicativas inseridas no próprio texto; outro, particular, é indicar o nível da relação entre Octavio e Sérgio, captada em circunstâncias extremamente significativas – aqui não explicitadas para não condicionar a leitura do documento, nem prejudicar seu sabor; finalmente, pretende-se ainda esboçar, a partir deste exemplo que mostra os vínculos entre dois nomes vistos hoje de modo muito desigual em nossa área, uma proposta de estudo para a história da

historiografia brasileira: um estudo que escape aos cânones, à cristalização de autores e obras, e volte-se à reconstituição dos cenários intelectuais que construíram essa história.

É importante ainda dizer, por fim, que os comentários ao documento referem-se apenas ao seu texto – ou seja, àquilo que Octavio Tarquínio de Sousa “disse” a Sérgio Buarque de Holanda –, sem se deter em seus aspectos materiais (formato do papel, características da letra, recursos gráficos do autor, entre outras possibilidades). Para sua melhor compreensão, a ortografia também foi atualizada. Quanto à localização, esta carta faz parte do Fundo Sérgio Buarque de Holanda (Série Correspondência, Subsérie Correspondência Passiva, Cp 217 P9), abrigado no Arquivo Central da Unicamp, em Campinas.⁴

O documento

Rio, 29 setembro 1958

Meu querido Sérgio,

Recebi agora o convite para o concurso⁵ e respondi recusando. Você sabe como sou seu amigo e quanto o admiro.⁶ Poder, de público, testemunhar-lhe mais uma vez o meu apreço seria gratíssimo ao meu coração. Mas sem verdadeira impostura não me seria possível aceitar o papel de seu examinador, máxime no assunto de sua tese.⁷ Não se trata de falsa humildade: é simples noção de minhas limitações. Iremos a São Paulo, Lúcia⁸ e eu, para na plateia torcermos por você, certos de que sua vitória será retumbante.⁹ Continuo – estou no fim – a ler e a saborear sua tese e devo dizer-lhe que a impressão é de deslumbramento.¹⁰ Lembranças a Maria Amélia¹¹ e filhos. Abraços afetuosos do Octavio.

¹Notas

¹ Para uma excelente introdução ao tema, ver GOMES, Angela de Castro. “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 7-24.

² SOUSA, Octavio Tarquínio de. *História dos fundadores do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. 10 volumes.

³ Formado em Direito em 1907 pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Distrito Federal, o carioca Octavio Tarquínio de Sousa construiu uma carreira profissional vinculada ao serviço público, tendo chegado a Ministro do Tribunal de Contas da União, em 1932. Da década de 1930 em diante, porém, suas credenciais e atividades intelectuais tornaram-se cada vez mais destacadas: membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade Felipe de Oliveira, colaborador de vários jornais e revistas do eixo Rio–São Paulo, diretor da *Revista do Brasil* em seu relançamento, em 1938, e diretor da Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio Editora, a partir de 1939, em substituição a Gilberto Freyre. Como autor, publicara o romance *Monólogo das Coisas* em 1914 e uma elogiada tradução do poema *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, em 1928, mas desde o trabalho *A Mentalidade da Constituinte*, de 1931, dedicou-se por completo à história do Brasil, em especial a escrever a biografia daqueles personagens do Primeiro Reinado e do Período Regencial que chamaria “fundadores do Império do Brasil”, como José Bonifácio, D. Pedro I e Bernardo Pereira de Vasconcelos. A análise de sua forma de compreender e interpretar a História foi feita por GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço. Biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo, FFLCH-USP, 2003.

⁴ Para uma visão geral sobre o Fundo, acessar <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/index.html>.

⁵ Trata-se do concurso para a cátedra de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Sérgio Buarque nela lecionava desde 1956, em substituição ao Professor Alfredo Ellis Junior, retirado por motivo de saúde; agora, com a aposentadoria do catedrático, iria se submeter ao concurso justamente para assumi-la como titular.

⁶ A amizade de Octavio e Sérgio remontava à década de 1930, mas tornara-se mais estreita do início dos anos 40 em diante, cf. HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 433, 435. Vale notar que, juntos, chegaram inclusive a escrever um livro didático: SOUSA, Octavio Tarquínio de e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História do Brasil (3ª Série)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

⁷ A tese era *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*.

⁸ Lúcia Miguel-Pereira (1901-1959), esposa de Octavio Tarquínio, crítica literária, romancista, tradutora e autora de vários estudos acerca de temas e autores da literatura brasileira, como *Machado de Assis (Estudo crítico e biográfico)*, de 1936, e *Prosa de Ficção*, de 1950.

⁹ O concurso se realizaria entre os dias 10 e 14 de novembro de 1958. Cf. ELLIS, Myrian. “Concurso para provimento da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”. In: *Revista de História*. São Paulo, ano X, n. 38, p. 493-508, abr.-jun.1959.

¹⁰ Os membros da banca examinadora, contudo, não tiveram a mesma impressão: como mostra Thiago Lima Nicodemo, “com exceção do presidente da banca, Eurípedes Simões de Paula, todos os examinadores [Hélio Viana, Afonso Arinos de Melo Franco, José Wanderley Pinho e Eduardo d’Oliveira França] manifestaram algum tipo de estranheza em relação à forma da exposição dos argumentos do autor na tese”, ressaltando “a falta de uma delimitação explícita de uma ideia inicial e uma conclusiva através de um encadeamento também explícito e progressivo de ideias” – características que a tornavam mais um ensaio que uma tese acadêmica. Cf. NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do Vivido. Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 104.

¹¹ Maria Amélia Alvim Buarque de Holanda (1910), esposa de Sérgio Buarque.